

2.2 – Almeida Lisboa

Outra manifestação contra os programas de matemática implantados pela Reforma Francisco Campos foi feita por Joaquim Inácio de Almeida Lisboa, professor catedrático do Colégio Pedro II e defensor do ensino da Matemática clássica.

Como foi dito anteriormente, os programas de matemática implantados pela reforma Francisco Campos conservaram todas as idéias modernizadoras propostas por Euclides Roxo em 1928. Considerando esse fato, podemos dizer que a primeira grande crítica foi empreendida por Almeida Lisboa.

Com efeito, seus ataques principiaram em 1930 com um artigo intitulado *Os programas de matemática do Collegio Pedro II*, publicado em 21 de Dezembro no Jornal do Comércio. Nesse artigo ele afirma que:

“Na qualidade de mais antigo professor catedrático de Matemática do Colégio Pedro II, declaro não ter colaborado, nem de leve, nos seus atuais programas de Matemática.

Sou fundamentalmente contra eles; não os considero sequer programas de ensino, porque tudo destróem. (...)

O professor Roxo quis dar ao ensino da Matemática um caráter utilitário e essencialmente prático. Julgo que não atingiu esse objetivo.

(...)

O professor Roxo esqueceu qual a verdadeira finalidade da Matemática na escola secundária. Seu principal destino não é uma colheita mais ou menos abundante de conhecimentos práticos e isolados. A Matemática é uma disciplina de espírito, uma inimitável e insubstituível educadora do raciocínio a que a mocidade deve ser submetida. (...)

... Os programas são ridículos, tão ridículos quanto a nossa miserável literatura matemática”¹.

Em seguida, Euclides Roxo contesta Almeida Lisboa, publicando, em 28 de dezembro, um artigo na mesma folha, iniciando, assim uma polêmica entre os dois professores².

¹ Cabe aqui, ressaltar que a crítica feita por Almeida Lisboa foi dirigida aos programas das duas primeiras séries, implantados a partir de 1929.

² Para maiores detalhes sobre a polêmica, confira, nesta ordem:

LISBOA, J.I. de A. *Os programas de matemática no Colégio Pedro II*, in Jornal do Comércio de 21/12/1930.

ROXO, Euclides. *O Ensino da matemática na escola secundária - V* - (Réplica ao Sr. Professor Almeida Lisboa), in Jornal do Comércio de 28/12/1930.

LISBOA, J. I. de A. *Os programas de matemática do Colégio Pedro II* - (Resposta ao Professor Euclides Roxo), in Jornal do Comércio de 04/01/1931.

ROXO, Euclides. *O ensino da matemática na escola secundária - VII* - (Segunda réplica ao Sr. Lisboa), in Jornal do Comércio de 11/01/1931.

LISBOA, J. I. de A. *Os programas de matemática do Colégio Pedro II* (Segunda resposta ao professor Euclides Roxo), in Jornal do Comércio de 18/01/1931.

Vejamos como a *Revista Brasileira de Mathematica* relatou esse fato³:

“Dois ilustres geometras brasileiros os professores Almeida Lisbôa e Euclides Roxo, ambos catedráticos do Colégio Pedro II, mantiveram, pelas colunas do ‘Jornal do Comércio’, uma interessantíssima polemica, durante a qual foram debatidos muitos pontos controvertidos, não só da Matemática como também da metodologia dessa ciência.

A discussão foi iniciada, no dia 21 de Dezembro do ano passado, com um artigo do Dr. Almeida Lisbôa, no qual esse brilhante analista, ao fixar suas impressões sobre o programa de Matematica, fez sentir que discordava de alguns conceitos e definições contidos num livro recentemente publicado, pelo Dr. Euclides Roxo, para os estudantes do curso secundário.

O Dr. Euclides Roxo, como autor do compendio, atingido pela crítica de seu ilustre colega, defendeu-se, com o maior brilho, em artigo publicado no dia 28 de Dezembro. Na semana seguinte, isto é, no dia 4 de Janeiro de 1931, surgiu um segundo artigo do Dr. Lisbôa, contrariando alguns pontos que ele considerava vulneráveis na defesa do Dr. Euclides Roxo. Este não aceitou as objeções e desenvolveu, no dia 11 do mesmo mês, novos argumentos que militavam a seu favor. Estava assim firmada a polemica que se prolongou até o dia 8 de Fevereiro – data em que foi encerrada com um quarto artigo do Dr. Euclides Roxo” (in *Revista Brasileira de Matemática*, n^{os} 11 e 12, julho/agosto de 1931, p. 154).

Após a Reforma Francisco Campos, as primeiras manifestações de Almeida Lisboa de que temos conhecimento são as relatadas por Arlindo Vieira em sua conferência de 1934. Arlindo Vieira cita que:

“Entre os discursos proferidos este anno, por ocasião da abertura dos cursos do Collégio Pedro II, merece especial menção o do illustre cathedrático Dr. Almeida Lisboa.

Com desassombro que muito dignifica, o orador pinta ao vivo a lamentavel situação do ensino em nosso paiz.

Refere-se o eminente professor particularmente á Mathematica, materia que leciona ha 32 anos no referido estabelecimento de ensino (...)” (VIEIRA, 1934)⁴.

As manifestações de Almeida Lisboa prosseguem com um artigo, publicado em 18 de agosto de 1935, pelo jornal *Diário de Notícias*⁵.

ROXO, Euclides. *O ensino da Matemática na Escola Secundária - IX* - (Terceira réplica ao Sr. Joaquim Lisboa), in *Jornal do Comércio* de 25/01/1931.

LISBOA, J. I. de A. *Os programas de matemática do Colégio Pedro II* (Última resposta ao Sr. Euclides Roxo), in *Jornal do Comércio* de 01/02/1931.

ROXO, Euclides. *O Ensino De matemática na escola secundária - XI* - (Quarta Réplica ao Sr. Joaquim Lisboa), in *Jornal do Comércio* de 08/02/1931.

³ Para maiores detalhes sobre a *Revista Brasileira de Mathematica*, confira DASSIE, Bruno Alves & ROCHA, José Lourenço, *Uma antepassada da RPM*, in *Revista do Professor de Matemática*, n. 43, 2º quadrimestre de 2000, p. 1 – 5.

⁴ Esse discurso não foi encontrado.

⁵ Não foi encontrado o jornal *Diário de Notícias* do dia 18 de agosto de 1935. Os trechos citados encontram-se no artigo de Arlindo Vieira de 15 de setembro do mesmo ano.

Nesse artigo, ele critica a nova orientação dada ao ensino de matemática e os livros didáticos publicados que seguiam tal orientação. Vejamos:

“A Mathematica desapareceu do ensino secundario. Eis o triste resultado do que se chama enfatuadamente ‘a moderna orientação do ensino da mathematica’, e é apenas uma orientação brasileira, attestando a nossa incompetencia pedagogica. As verdadeiras demonstrações, os raciocínios perfectos, o rigor e a logica da sciencia, tudo o que faz a belleza e a immensa utilidade da mathematica foi abolido do ensino official.

Nos programmas officiaes brasileiros, não ha mais nem theoria, nem rigor mathematico.

Reduziu-se tudo a uma pequena colleção de receitas. E o alumno que aprendeu uma dellas e resolveu um desses problemas para jardineiros, não sabe tratar outros analogos, que só differem do primeiro por insignificantes modificações: desconhece a theoria que lhe mostraria o caminho seguro para attingir a solução procurada. Estudou curiosidades; não sabe mathematica e não raciocina.

(...)

Os livros que obedecem a esta falsa diretriz, são simples inventarios de factos isolados, de exercicios infantis, de noções erradas, livros que envenenam a mocidade em vez de lhe inspirar o amor da sciencia e o habito do estudo

... Os que pretendem realmente aprender, nada encontram nessas paginas vacias.

... Em geral, os autores que seguem os actuaes programmas officiaes, tomaram por modelo livros americanos ou allemães, para escolas profissionaes elementares. E é isso que impingem, no Brasil, aos estudantes do curso secundario!

... Querem restringir as possibilidades incalculaveis das novas gerações a um mundo sem pensamento, nem imaginação” (apud VIEIRA, 1936a, p. 208 – 9).

Prossegue, expondo sua opinião sobre as finalidades do ensino secundário:

“O ensino secundario não tem por objetivo formar homens praticos, função das escolas profissionaes ou technicas. Seu alcance é maior: é a primeira selecção de intellectuaes. São estes que fazem a grandeza de um povo... O Brasil precisa de homens competentes que o levem a um brilhante futuro e é na escola secundaria que se iniciam os conductores de homens.

A instrucção secundaria, porem, tem outro destino e não póde ser superficial: deve ser ministrada solidamente, de vagar. Os incapazes de um estudo serio, prostarão enormes serviços ao paiz, dedicando-se a misteres independentes das sciencias e das letras. Os doutores que mal sabem ler constituem uma das pragas que nos affligem.

(...)

Teremos ainda durante muito tempo inumeros analphabetos. Pouco importa! Formemos uma elite intellectual, onde o Brasil irá buscar os impulsores de seu progresso e, nas horas graves de crise, os seus salvadores. E esta elite, nós a criaremos em algumas dezenas de annos. O ensino se desenvolverá então das camadas superiores para as inferiores. O primeiro passo a dar é a remodelação do ensino secundario, alicerce indispensavel da nossa grandeza.

(...)

Ora, entre nós, o ensino secundario vae morrendo ou já morreu. Nada se estuda; nada se ensina.” (apud VIEIRA, 1936a, p. 245 – 6).

Após isso, Almeida Lisboa retorna com um artigo publicado no *Jornal do Comércio*, em 3 de maio de 1936, intitulado *Os programmas e o ensino de mathematica*. Agora, Almeida Lisboa além de criticar os programas de matemática, também se manifesta contra as opiniões do Pe. Arlindo Vieira. Segundo ele,

“O padre Arlindo Vieira empenhou-se em combate contra aquilo que, por irrisão, se chama o nosso ensino secundario. A erudição do batalhador, a logica de sua argumentação, os factos que cita, mostram a miseria intellectual a que chegamos e o triste destino do Brasil, governado amanhã por homens desprovidos de cultura e de elevados ideaes. As negras cores com que o padre pinta o humilhante espetaculo ainda são insuficientes para traduzir o mal que nos afflige. Não ha pena capaz de descrever este amontoado de disparates, esta salada de perfumarias baratas e molhos falsificados, cocaína que rotulamos com o nome de *Ensino Secundario*.

Mas o ilustre padre exagera as vantagens do estudo do Latim sobre as de qualquer outra disciplina do espírito. Não lhe basta o predominio da nobre lingua: quer a sua exclusividade. Ora, a Mathematica não é menos instructiva ou necessária do que o Latim. Ella é, como elle, um fecundo exercício da intelligencia. É um pensamento continuo. A Mathematica encerra purissimas bellezas, gemmas tão preciosas e fulgurantes quanto as mais ricas jóias de Cícero ou Virgílio. E mais do que o Latim, é fonte inesgotável de infinitas applicações e de imprevistos e maravilhosos inventos.

No seu plano de ensino secundario, deveria o padre Arlindo Vieira, ao lado do Latim, reservar um lugar de honra para a Mathematica. Entretanto, bate-se contra o grande numero de horas que semanalmente lhe são destinadas e contra a *vastidão encyclopédica* de seus programmas - A eloquência do padre, suas multiplas e esmagadoras comparações, sua vontade ferrea de só fazer sobressahir o Latim, constituem um perigo para o futuro ensino daquela sciencia fundamental. E o eminente educador não tem razão.

Os nossos programmas de Mathematica nada têm de vastos, nem de pomposos, ou encyclopédicos! São apenas ridiculos. Os sabios professores estrangeiros que os percorrerem não ficarão espantados, como pensa o padre Arlindo Vieira, pela immensidade do que se exige do estudante brasileiro. Eles rirão somente; e rirão por motivos opostos aos que o padre supõe. E se folhearem também os livros de Mathematica que destinamos á mocidade, e onde se desenvolvem esses programmas, reconhecerão logo que não pode haver ensino onde não ha professores. Não sabem, nem sequer suspeitam, que aqui se disputam os logares do magistério como cargos eleitoraes...”

Critica os argumentos sobre Luigi Fantappiè, afirmando que:

“Julga o padre Arlindo Vieira que o Mathematico Fantappiè, contractado pela Universidade de S. Paulo, dirá na Italia, que conhece um país onde os programmas estão *empanturrados de mathematica* (a frase é do padre Arlindo). Engana-se: Fantappiè repetirá o que declarou ao falecido Theodoro Ramos, um verdadeiro Mathematico brasileiro: dirá simplesmente que não se estuda Mathematica no Brasil, nem no curso secundario, nem nas escolas superiores. Foi isso o que mais o assombrou. Cita o padre Arlindo um trecho da conferência

de Fantappié, onde nos recomenda que *retiremos dos programmas as noções destacadas, regras ou fórmulas que só são de utilidade prática*. Que conclui daí o padre Arlindo? Que os nossos programmas estão empanturrados de sciencia? Fantappié queria apenas lembrar que a Mathematica não é uma aplicação de fórmulas, uma serie de factos isolados, uma coleção de receitas. Fantappié examinou certamente muitos dos nossos livros didacticos; falaram-lhe das aulas de alguns professores, mathematicos sem mathematica; e daí seus conselhos.”

Ele também critica todo o estudo empreendido por Arlindo Vieira sobre os programas de outros países:

“Nas comparações com a França, a Allemanha, a Italia, mostra o padre Arlindo Vieira que o estudante brasileiro tem mais aulas semanaes de Mathematica do que naqueles civilizadissimos paizes. Que significa isso? Nada.

(...)

Que pretende provár o illustre padre transcrevendo trechos dos programmas italianos de Mathematica? Que na Italia se exige do estudante de curso secundario menos do que nós? É impossível; aqui nada se exige. Não calumniemos a Italia... Aliás, um programma pouco significa por si mesmo. Não é o número de linhas do seu enunciado que o torna difícil ou fácil, excessivo ou insufficiente. Um programma de poucas palavras pode ser vasto e útil, e outro de muitas paginas, como os nossos, não ter valor algum.... Que nos importa saber que nas tres primeiras series do nosso curso secundario os programmas são cinco vezes mais vastos do que os italianos?... Concordo com o padre: o ensino da Mathematica em nossos cursos secundarios está longe do que existe na Italia. Mas discordo quanto ás causas: essa diferença enorme entre os dois ensinos resulta de não estudarmos um decimo, um centesimo do que se ensina á mocidade italiana. A simples comparação entre tamanhos de programmas e número de horas nada prova! O estudante brasileiro desconhece a Mathematica tanto quanto o Latim ou o Grego...

(...)

Pensará o illustre padre que os italianos, os franceses, os inglezes, os alemães, os norte-americanos não estudam no curso secundario aqueles faceis assuntos que diz não existirem nos programmas italianos?...

(...)

Não faça o padre Arlindo paralelos impossiveis entre o nosso ensino e o de outros paizes. Não diga que temos excesso de estudos Mathematicos; mas proclame bem alto que, de toda a miséria do nosso ensino, só se salva talvez a propria mocidade, a sua grande vítima.”

Almeida Lisboa, ao longo do artigo, não deixa de criticar professores e livros didáticos. Discordando de Arlindo Vieira sobre as causas da decadência do ensino secundário, declara que: “Os programmas não são causas, mas consequencia de sua decadencia”⁶.

⁶ Nesse artigo, Almeida Lisboa propõe a Arlindo Vieira uma “comparação diferente”. Ele apresenta as questões propostas nos exames de admissão à Escola Politécnica de Paris, de 1907, e as questões propostas, em 1936, nos exames de admissão à Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Com isso, um pequeno debate é travado entre Almeida Lisboa e Ruy de Lima e Silva, diretor da mesma escola. Para maiores detalhes, confira:

LISBOA, J.I. de A. *Os programas e o ensino de mathematica*, in *Jornal do Comércio* de 03/05/1936.

SILVA, Ruy de Lima e. *Os programas e o ensino de mathematica : uma carta do Sr. Diretor da Escola Politécnica*, in Jornal do Comércio de 06/05/1936.

LISBOA, J.I. de A. *Os programas e o ensino de mathematica*, in Jornal do Comércio de 10/05/1936.

LISBOA, J.I. de A. *Os programas e o ensino de mathematica*, in Jornal do Comércio de 17/05/1936.